

Livro I

A DAMA DO PAVILHÃO DAS PAULÓWNIAS¹

Entre as Esposas Imperiais e as numerosas damas de honor² que serviam Sua Majestade, uma havia que o cativara a ponto de se tornar a sua Favorita, embora não pertencesse às famílias mais distintas. Essa posição privilegiada no coração do Soberano não tardou a valer-lhe a inimizade e o desdém das outras damas de condição superior, pois todas acalentavam secretamente aspirações e sonhos de poder que assim se dissipavam³. Muito naturalmente, as suas antigas companheiras de condição igual ou inferior mostravam-se ainda mais indispostas, sentindo-se profundamente humilhadas ao ver a outra ascender a tão destacada posição. Como era requisitada dia e noite pelo serviço do Palácio, irritou de tal modo as suas rivais que, sem dúvida por ter atraído tantos rancores, a sua saúde se alterou e decidiu passar mais tempo junto da família; muito descontente, o Imperador começou a dispensar-lhe mais atenções, sem se preocupar com os murmúrios, o que podia vir a criar um perigoso precedente.

Chocados, dignitários e cortesãos olhavam-se de soslaio, falavam de paixão cega, evocavam circunstâncias semelhantes que já tinham causado rebeliões e desastres de consequências funestas na Terra para Além do Mar; porém, se todo o Império se inquietava a ponto de evocar o exemplo de Yang Kuei-fei⁴, não lhe poupando vexames, ela continuava a levar a sua vida no Palácio, confiante na preferência que Sua Majestade lhe testemunhava.

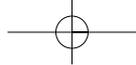
O pai dela, que fora Grande Conselheiro, já falecera, e a mãe, a esposa principal, mulher de antiga virtude e boa linhagem, fizera tudo para

lhe garantir uma educação que em nada a deixasse ficar atrás das outras damas favorecidas pela fortuna e pela reputação dos seus pais vivos; contudo, como não podia beneficiar do apoio de um protector influente, angustiava-se ao pensar que a filha não disporia do menor recurso em caso de necessidade.

Profundos deviam ter sido os laços que ligavam esta dama a Sua Majestade numa outra vida, pois deu-lhe um Príncipe mui formoso, uma pura jóia, preciosidade sem igual neste mundo. O Imperador, que morria de impaciência, não tardou a chamá-lo ao Palácio e, pelos seus próprios olhos, pôde constatar a rara beleza das feições do recém-nascido.

É certo que o Primeiro Príncipe, filho de uma Esposa Imperial, a dama do Kokiden, filha do Ministro da Direita, poderosamente apoiado e objecto das maiores atenções porque ninguém duvidava de que seria o Príncipe Herdeiro, não podia rivalizar com o novo Príncipe pelo esplendor da sua beleza e, apesar de ocupar um lugar privilegiado nos pensamentos do Soberano, este dispensava, em privado, atenções infinitas ao mais novo. Em princípio, a condição da mãe deste último dispensava-a do serviço comum de Sua Majestade. Ora, sendo muito estimada e de belo aspecto, o Imperador reclamava a sua presença sem qualquer motivo e, para ele, qualquer divertimento ditado pela tradição ou qualquer oportunidade que se apresentasse era antes de mais um pretexto para a chamar; às vezes, retinha-a nos Aposentos de Noite para a guardar mais tempo junto de si e, como não a deixava partir, podia parecer que ela própria não teria grande peso. Ora, depois do nascimento do novo Príncipe, quando se tornou notório que Sua Majestade a tinha em grande estima, a Esposa Imperial começou a temer que este novo Príncipe viesse a ocupar um dia os aposentos destinados ao herdeiro do trono caso não tomasse medidas drásticas, apesar de saber que tinha prioridade sobre a sua rival: contava com o apoio da sua influente família, chegara ao Palácio antes de qualquer outra dama e o Imperador sempre a tratara com grande estima e ela dera-lhe numerosos filhos, pelo que começou a atormentar o Soberano com as suas recriminações sem fim que muito o contrariavam.

Quanto à nova Favorita, apesar de confiar na augusta protecção, muitas eram aquelas que a desprezavam e estavam continuamente à espera de a ver cometer uma falta para a acusarem. Tão frágil e precária era a sua posição que ela se consumia ainda mais em extremas apreensões. Os seus aposentos ficavam no Pavilhão das Paulównias, e assim ficou conhecida como Kiritsubo⁵. Como as suas incessantes deslocações a obrigavam a passar diante dos aposentos de todas aquelas damas, compreende-se como estas se exasperavam. Mesmo quando ia para jun-



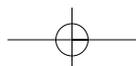
to de Sua Majestade, em ocorrências demasiado frequentes, pelo caminho, em galerias ou passagens cobertas, pregavam-lhe partidas de gosto duvidoso, enquanto aconteciam incidentes às longas caudas dos vestidos daquelas que a acompanhavam de volta ou que iam ao seu encontro. Em determinada altura, agindo de conivência, muitas vezes fechavam as portas de um corredor que ela não podia evitar, deixando-a no embaraço e na perturbação. Como os inumeráveis incidentes penosos se multiplicavam, ela atormentava-se cruelmente, para grande pena de Sua Majestade, que decidiu assim transferir para outro local o serviço de uma dama de honor que sempre alojara na câmara imperial, instalando aí a sua Favorita e arranjando-lhe assim mais uma inimiga cujo rancor nunca se dissipou.

No ano do terceiro aniversário deste novo Príncipe, o Tesouro Imperial não poupou nada para que a festa das «primeiras meias-calças»⁶ fosse tão faustosa quanto fora, no seu tempo, a do Primeiro Príncipe; recorreu a todos os recursos do Tesouro e dos Ofícios e mandou fazer tudo com sumptuosidade. Mais uma vez, murmurou-se muito, embora ninguém ousasse invejar aquele Príncipe cujo corpo e cujo espírito pareciam alcançar uma rara distinção à medida que ia crescendo. Até os mais perspicazes se perguntavam como pudera nascer uma criatura tão extraordinária em tempos tão degenerados e arregalavam os olhos de espanto⁷.

No Verão desse ano, Kiritsubo, que se sentia vagamente doente, exprimiu várias vezes o desejo de se retirar para junto da família, mas, mais uma vez, o Imperador não quis dar a sua autorização. Como a vira durante anos com aspecto doentio, os seus olhos tinham-se acostumado:

— Procure aguentar mais algum tempo! — dizia-lhe.

Porém, o seu estado piorava gradualmente e em apenas cinco ou seis dias encontrou-se extremamente debilitada; então, a sua mãe, lavada em lágrimas, suplicou a Sua Majestade e conseguiu que a filha regressasse a casa. Mesmo nestas circunstâncias, como temia ser alvo de alguma inconcebível afronta, decidiu deixar o filho no Palácio, partindo dissimuladamente. Como tudo tem um fim, o Imperador, que não a podia reter mais tempo, sentiu uma tristeza indizível por não poder acompanhá-la, nem que fosse com o olhar. O rosto da mulher, outrora de uma beleza esplendorosa, emaciara-se terrivelmente e, apesar de sentir uma grande ternura por ele, incapaz de a traduzir por palavras, jazia, prostrada, semi-inconsciente; ao vê-la assim, Sua Majestade sentiu um grande desespero e, chorando copiosamente, fez-lhe mil juramentos, mas ela já não estava em condições de lhe responder: aquela figura pálida e extenuada traía um



abatimento completo e, como continuasse assim estendida, ele perguntava-se, angustiado, o que poderia significar aquele ar ausente. E mesmo quando deu ordens para que a transportassem num palanquim e ela partiu imediatamente para casa, não conseguia decidir-se a despedir-se dela:

— Desafiando o juramento que lhe fiz de nunca a abandonar, mesmo no caminho que a todos nos espera, não pode abandonar-me e ir-se embora sozinha!

Kiritsubo fitou-o com um olhar carregado de profunda tristeza:

*Agora os nossos caminhos
Para sempre se separam
Quando no meu desalento
Teria decerto desejado
Seguir o caminho da vida*

«Ah, se soubesse que as coisas iriam passar-se assim...!»

E embora parecesse muito doente e lassa e ainda quisesse dizer-lhe muitas outras coisas, não obstante a sua respiração debilitada, e o Soberano estivesse determinado a ficar junto dela até ao fim, mesmo naquele estado e independentemente do que lhe acontecesse, como vieram anunciar-lhe que já tinham sido dadas ordens a eminentes sacerdotes para iniciarem as suas deprecações nessa mesma noite, ele dignou-se autorizar a sua partida, apesar de muito lhe custar.

De coração angustiado, não conseguiu adormecer nessa noite, que lhe pareceu interminável. O seu mensageiro ainda não tivera tempo para ir e voltar, e ele já recomeçara a desfilar o rosário das suas recriminações quando o homem regressou ao Palácio, muito desolado, pois, entre choros e gritos, tinham-lhe dito que ela deixara de viver. Ao ouvir esta notícia, perdido de dor, incapaz de decidir o que quer que fosse, o Imperador fechou-se nos seus aposentos. Quanto ao novo Príncipe, embora tivesse desejado guardá-lo consigo apesar das circunstâncias, como não havia precedentes deste tipo no Palácio, foi decidido que o menino teria de se ir embora. Este era decerto incapaz de compreender o que acontecia, mas, ao ver as damas que o serviam desfazerem-se em lamentos e o próprio Soberano derramar um rio de lágrimas, ficou intrigado. Se, no melhor dos casos, uma separação destas não acontece sem dor, nestas circunstâncias ela era pungente para lá de qualquer expressão.

E como todas as coisas têm um fim, foi necessário preparar o corpo de acordo com o rito cerimonial, enquanto, derramando lágrimas escaldan-

tes, a mãe da defunta, que teria desejado morrer e dissolver-se no céu juntando o fumo do seu próprio corpo ao da filha, subia para o mesmo carro de bois que transportava as mulheres do cortejo. Imagine-se o que não deve ter sentido quando chegou ao local da incineração no cume do monte Otagi, onde se desenrolava a cerimónia!

— Não serve de nada ver o seu vão despojo e convencer-me de que ela ainda está viva, pelo que desejo vê-la reduzida a cinzas, para me persuadir de que já morreu! — declarara, com pertinência. Porém, chegada a hora, delirava tanto que julgaram que fosse cair do carro e as suas gentes, que tinham temido esse incidente, atormentavam-se por ela.

Do Palácio, chegou um mensageiro que veio anunciar o outorgamento póstumo do Terceiro Grau da Corte, e a leitura do édito foi decerto o evento mais mortificante! Como a defunta não obtivera, quando viva, o título de Esposa Imperial, o Imperador sentira amargos remorsos e quisera pelo menos conceder-lhe esta promoção, nem que fosse de um grau. E mesmo esta decisão, quantos a criticaram! Porém, aqueles que sabiam estimar as coisas pelo seu justo valor entendiam agora como a infelizmente dama fora realmente um ser excepcional, não só pela sua beleza como pela sua simplicidade, discrição e afabilidade, e não a podiam detestar! Na verdade, as causas de tão cruel inveja tinham sido as atenções inconvenientes de Sua Majestade. Tal era o charme da sua pessoa, a delicadeza do seu coração, que as próprias mulheres dos Aposentos Superiores concordaram em lastimar o seu pobre destino. Parecia um daqueles casos ao qual se pode aplicar o ditado: «mas quando o perdemos...!»

Tristes foram os dias que se seguiram, e o Imperador velava pelo cumprimento zeloso das sete semanas de luto. O tempo passava, mas, desamparado, acabrunhado de dor, renunciava a solicitar a companhia nocturna das damas e, como passava os dias e as noites lavado em lágrimas, esse foi um Outono muito triste para todos os que estavam ao seu serviço. «Desaparecido o objecto do seu amor, quando deixará a aziaga paixão do Imperador de semear a perturbação nos corações?», dizia-se no Kokiden e noutros locais onde não tinham deixado de alimentar o ressentimento. Mesmo quando o Imperador se dignava olhar para o Primeiro Príncipe, sentia-se constantemente perseguido pelo desejo de voltar a ver o jovem Príncipe e então apressava-se a enviar uma dama de confiança ou uma ama para inquirir dos seus progressos.

Num dia de Outono, quando se levantaram os ventos que varrem a charneca, à hora do crepúsculo em que o frio nos apanha bruscamente, as lembranças acudiram-lhe ao espírito mais vivas do que nunca, e conuiu uma mensagem a Yugehi no Myobu. Na hora encantadora do luar